

"Correio Popular" 1º-V-1993

horível!

CMP 1.2.4.89

'Carmina Burana' volta à arena

Obra-prima de Carl Orff vai ser reapresentada hoje no Teatro de Arena com entrada franca

EDMILSON SIQUEIRA

Cantos profanos executados por cantores e coro acompanhados por instrumentos e representações mágicas". Assim foi descrita a peça *Carmina Burana* em sua primeira apresentação, no dia 8 de junho de 1937 na Ópera de Frankfurt. Seu autor, Carl Orff (1895 - 1982), na época com 41 anos, era até então um compositor desconhecido. O sucesso veio com *Carmina Burana*. E é essa obra que a Sinfônica de Campinas reapresenta hoje, às 18h, no Teatro de Arena do Centro de Convivência Cultural, com entrada franca. Com ela estarão o Coralusp, o coral Infantil Meninos Cantores de Campinas, a soprano Verônica de Castro, o barítono João Paulo Ribas e o tenor Jarbas Taurino. A reapresentação, segundo o secretário de Cultura e Turismo, Luiz Curi, se deve a "milhares de pedidos" depois da última apresentação, quando muita gente não pôde entrar no Teatro de Arena completamente lotado. O concerto tem também objetivo filantrópico: quem quiser pode doar alimentos não perecíveis na portaria do teatro que servirão para o esquema de distribuição nas favelas da cidade.

As outras peças que compõem a

primeira parte do concerto desta noite, embora importantes, assumem um papel secundário em decorrência da grande aceitação que tem a obra de Orff. São elas: *Sedas de Outro Um*, de Widmer e *Romeu e Julieta* de Tchaikovsky. Ernst Widmer (1927-1990) suíço de nascimento, viveu na Bahia desde 1956. Formado no Conservatório Musical da Zürich, no Brasil ele foi um ativo professor do Departamento de Música da Universidade de Salvador. A peça a ser apresentada é a parte final de um balé premiado em 77 no concurso nacional da Funarte.

Peter Ilyich Tchaikovsky (1840 - 1893), compositor russo, chamou esse *Romeu e Julieta* originalmente de *Fantasia - Abertura*, escrito em 1869 e que recebeu sua versão definitiva apenas em 1880. Tem sido uma das peças de Tchaikovsky mais programadas por orquestras de todo o mundo, principalmente por se tratar de um riquíssimo feito musical.

Carl Orff, autor de *Carmina Burana*, nasceu em Munique, em 10 de julho de 1895. Ensaíador numa série de teatros, adquiriu ali seus conhecimentos e experiência no terreno do drama, ao mesmo tempo que investigava a natureza do som e dos ritmos. Apesar de renegar suas primeiras obras — algumas canções juvenis e uma ópera baseada numa antiga peça japonesa — sobre elas escreveu o crítico K. Ruppel:

"Não pode haver dúvida que Orff, como a maioria dos artistas seus contemporâneos, tanto na arte quanto na literatura, sofreram a forte influência daquele ethos revolucionário que caracterizou o movimento expressionista e que, sob o lema 'Lute, lute contra o desgraçado passado', preocupou-se profundamente com a criação de uma nova humanidade".

A coleção de poemas medievais (do século 13) que compõem os versos de *Carmina* foram descobertos em 1803 num mosteiro da alta Baviera e, apesar disso, são cantos de taverna, amatórios, lúdicos, lamentos amorosos etc. E foi nesse clima marcado pela influência expressionista que Orff trava conhecimento com eles. Escritos em sua maioria em latim, alguns em alemão antigo, levaram o próprio Orff a declarar que fora atraído pelos sons desses idiomas antigos. Belas iluminuras que acompanhavam os poemas também chamaram a atenção de Orff, principalmente a miniatura retratando a simbólica Roda da Sorte, a Fortuna, "que governa o curso da existência humana com seus altos e baixos". Daí a emolduração que possui toda a obra, na verdade um hino à própria Fortuna, no coro que começa e termina a obra.

A adaptação musical para Orff não teve qualquer problema: por se tratar de um estilo literário simples, ingênuo, foram usadas canções estróficas, a mes-

ma música para cada verso repetida seguidamente, às vezes sem qualquer variação. Mas é na orquestração que a peça oferece um estudo que pode ser classificado de fascinante. Apesar de provocar críticas com sua maneira de compor em grandes blocos sonoros, percebe-se que *Carmina Burana* é, na realidade, "uma peça notável de imaginativa criação aural", como classificou o crítico Tim McDonald na contracapa de um das inúmeras gravações, esta da Royal Philharmonic Orchestra regida por Antal Dorati.

Críticas também receberam as formas de tratamento não ortodoxo que Orff fez dos recursos vocais, com altas tessituras para os três solistas. Mas são efeitos deliberados, cuidadosamente calculados. Para Tim MacDonald, "depois de toda discussão, é a própria música que deve ter a palavra final". E sua aceitação popular em todo o mundo não pode ser contestada. O próprio Carl Orff assinalou: "Há por trás de minha obra uma força espiritual, razão porque é aceita por todo o mundo".

Por fim, Tim McDonald assinala que *Carmina burana* "é essencialmente uma tentativa de recapturar o espírito ilimitado de *joie de vivre* (alegria de viver) em que todas as inibições são lançadas fora e o desejo natural tem permissão de se expressar".